

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade e Educação
Curso de Licenciatura em Educação do Campo
Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades

Amanda Tamires Bernardo

**O DESLOCAMENTO DAS MULHERES DA COMUNIDADE DE ROÇA
GRANDE-PIRANGA-MG EM BUSCA DE TRABALHO NA COLHEITA
DE CAFÉ**

Belo Horizonte - MG
2023

Amanda Tamires Bernardo

**O DESLOCAMENTO DAS MULHERES DA COMUNIDADE DE ROÇA
GRANDE- PIRANGA-MG EM BUSCA DE TRABALHO NA COLHEITA
DE CAFÉ**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dr. Maria de Fátima Almeida Martins

Belo Horizonte – MG
2023

Dedico essa monografia aos meus pais, Antônio de Paula Bernardo e Marlene Agostinha Liberato Bernardo, que sempre sonharam em me ver em uma Universidade. A minha orientadora Prof^a. Dr^a Maria de Fátima Almeida Martins, que sempre esteve disponível e não mediu esforços para me ajudar. E as panhadeiras de café, Léia Bernardo, Maria do Carmo, Maria Tatiane, Patrícia, Regina, Marlene e Matildes, sujeitas da minha pesquisa que foram fundamentais em minha investigação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus pelo dom da vida, que me permitiu existir. A minha família por todo apoio e incentivo, e que nunca me deixaram desistir.

Ao meu namorado Luciano Nascimento Luiz por segurar a minha mão nos momentos mais difíceis.

A professora de geografia Rosiene Cristina Rosa e a secretária Roseni de Fátima Rosa, egressa do curso de Licenciatura em Educação do Campo que me apresentaram o curso da Lecampo, e me ajudaram em toda etapa de inserção do mesmo.

Aos meus amigos de Piranga, que foram grandes parceiros nessa jornada, especialmente Afrânia Elenice Martins Silvino e Renildo Ferreira Rodrigues.

Aos meus colegas, amigos, professores, monitores e coordenadores do curso de Licenciatura em Educação do Campo pelas trocas de experiências e aprendizado.

À minha orientadora Prof^a Dr. Maria de Fátima Almeida Martins pela paciência e atenção no processo de investigação e escrita da monografia.

As diretoras Aparecida Ribeiro de Assunção Souza e Vanusa Maria do Carmo de Oliveira; e aos funcionários da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel e da Escola Estadual Coronel José Ildefonso, por abrirem as portas e me receberem com tanto carinho em meus estágios. Por fim quero agradecer as grandes amizades que ganhei com a Lecampo, para sempre a nossa “panelinha”; Ana Maria Aparecida Pereira, Andresa Brasileiro da Silva e Raquel Cordeiro de Azevedo.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o entendimento do processo de deslocamento vivenciado pelas mulheres da comunidade de Roça Grande, no município de Piranga- Minas Gerais, em busca de trabalho na colheita de café, afim de identificar neste processo de trabalho os desafios enfrentados por essas mulheres. A metodologia utilizada teve caráter qualitativo e baseou-se em leituras sobre a temática, conversas com as mulheres sujeitas da pesquisa, entrevista e aplicação de um questionário afim de compreendê-las neste processo. Diante este aspecto algumas perguntas me provocaram inquietações, tais como: Essas mulheres que saem em busca de trabalho tem o seu reconhecimento por parte do marido? E a situação dos filhos que ficam em casa? Por meio das respostas para essas perguntas, quero chegar em conclusões que permitam entender as implicações existentes por trás deste processo de deslocar em busca de trabalho, especialmente quando se trata das mulheres.

Palavras-chave: Deslocamento, trabalho feminino, mulheres, colheita de café

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. CONTEXTUALIZANDO O SENTIDO E O LOCAL DA PESQUISA	9
2. PERCURSO METODOLÓGICO	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 GÊNERO E MIGRAÇÃO	15
3.2 MIGRAÇÃO PENDULAR	16
3.3 O TRABALHO DA MULHER NAS LAVOURAS DE CAFÉ	17
4. RESULTADO DA PESQUISA	19
4.1 CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE AS SUJEITAS DE PESQUISA E O TRABALHO NA LAVOURA DE CAFÉ	20
4.2 NARRATIVAS DAS MULHERES PANHADEIRAS DE CAFÉ EM PIRANGA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICES	32
APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM O ENCARREGADO DA FAZENDA MACENA	32

INTRODUÇÃO

Há vinte e um anos atrás, para ser mais precisa, no dia primeiro de julho de dois mil e um, numa tarde ensolarada, nasceu mais uma criança em um lar humilde, filha de camponeses, moradores da comunidade Roça Grande, pertencente ao município de Piranga, Minas Gerais. Seus pais concederam-lhe o nome de Amanda que significa digna de amor. Essa menina, sou eu, a Amanda, autora deste projeto de pesquisa.

Meu pai é um homem negro, e a minha mãe é uma mulher parda; são camponeses, agricultores familiares, utilizam a terra e a natureza com respeito e dignidade, e desde cedo ensinaram isso a mim e aos meus irmãos. No pequeno quintal ao redor de nossa casa, plantamos alimentos que nos ajudam em nossa subsistência, como exemplo, temos o milho, feijão, café; legumes, frutas e hortaliças. Meu pai trabalha na roça, na capina, no roçado, no plantio, faz de tudo um pouco. Minha mãe, por sua vez, trabalha na lavoura de café, em um período de quatro a cinco meses durante o ano, ela também revende cosméticos para ajudar a complementar a renda da família.

Quando eu era criança, meus pais iam para lavoura de café, eu e meus irmãos ficávamos sob responsabilidade de uma moça a quem minha mãe pagava, erámos novos demais para ficar sozinhos. Aos nove anos de idade comecei a realizar algumas tarefas de casa, como cuidar dos meus dois irmãos mais novos, cuidar da casa e dos animais.

Meus pais não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica, abandonando a escola nos anos iniciais. Uma vez que tinham que trabalhar para ajudar os meus avós. No entanto, apesar de não conseguir terminar os estudos, meus pais prezavam por minha educação e de meus irmãos. Minha mãe dedicava-se para me ensinar a escrever, e, por conta disso, com quatro anos de idade entrei na escola reconhecendo o alfabeto e escrevendo o meu nome.

Na escola, durante a educação básica, conheci pessoas novas, fiz grandes amizades, adquiri novos conhecimentos e fortaleci ainda mais os valores como bondade, humildade, empatia e diversos outros que carrego comigo. Minhas professoras e professores foram fundamentais ao longo de minha caminhada, me ensinaram e incentivaram a seguir meus sonhos. Desde pequena sonhava em ser professora, nas cartas que escrevia para minhas professoras dizia que queria ser como elas.

Com o passar dos anos, meu pai deixou de trabalhar na lavoura, minha mãe continuou trabalhando com minha tia, e, como eu já estava um pouco mais velha, fiquei na responsabilidade de cuidar de meus irmãos e da casa, dessa vez, sem a supervisão de um adulto.

As atividades de casa e as tarefas da escola às vezes sobrecarregava o meu estado físico, mental e emocional. O meu maior desafio foi nos anos finais do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, em que aumentaram os conteúdos e as exigências nas atividades escolares. A realidade que eu vivenciava mudou os meus pensamentos, deixei de sonhar em ser professora. Pois, não via possibilidade de estudar sem antes ter que trabalhar. Comecei a planejar ir para Belo Horizonte trabalhar em casa de família, assim como minhas tias e primas. Porém, isso deixou de ser pensado, quando em uma aula de Geografia, a professora Rosiene, juntamente com sua irmã e secretária da escola na qual eu estudava, a Roseni, apresentaram o curso de Licenciatura em Educação do Campo. Três amigos e eu nos interessamos, fizemos o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e com ajuda delas inscrevemos no curso a qual fui aprovada.

Em dois mil e dezenove, ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais, para fazer o curso de Licenciatura em Educação do Campo – LECampo - na área de Ciências Sociais e Humanidades, uma das melhores e mais complexas áreas do conhecimento, pois, através dela entendemos a organização da sociedade, o modo de vida do ser humano, os espaços geográficos e versões sobre a história. Ademais, a LECampo me possibilitou conhecer e conviver com novas pessoas, trocar experiências culturais, sociais, importando e cuidando sempre do outro. Com a LECampo aprendi a viver a organicidade do coletivo.

Como dito anteriormente, por ser filha de camponeses, cresci vendo meus pais (especialmente minha mãe) saindo de casa para trabalhar na lavoura de café em outra comunidade, saindo todos os dias de manhã e retornando somente ao entardecer, num período de quatro a cinco meses do ano, geralmente do mês de maio ao mês de setembro. Fui crescendo e aprendendo a lidar com os serviços de casa. Desde os meus nove anos de idade venho desenvolvendo os trabalhos domésticos, não por escolha, mas sim porque sobrava para mim, uma vez que, era a única do sexo feminino, em um grupo de quatro filhos.

Nunca entendia o porquê da minha mãe sair todos os dias para trabalhar, queria que ela ficasse o dia todo comigo, porém ela precisava ir. Por essa razão, pretendo no meu Trabalho de Conclusão de Curso, analisar o que o deslocamento e o trabalho na lavoura de café representam na vida dessas mulheres, como conciliam o trabalho com a vida pessoal. Pretendo, então, responder a seguinte indagação: O que representa o trabalho na lavoura de café para as mulheres camponesas da comunidade de Roça Grande, Piranga-MG e como ele interfere em suas vidas?

1. CONTEXTUALIZANDO O SENTIDO E O LOCAL DA PESQUISA

Realizei o meu Trabalho de Conclusão de Curso com a temática sobre o deslocamento das mulheres da minha comunidade, Roça Grande, em busca de trabalho na lavoura de café, na fazenda Macena, município de Piranga-MG, tendo vista que desde minha infância até os dias atuais vivencio minha mãe saindo de casa para trabalhar na colheita de café, num período de quatro a cinco meses, geralmente do mês de maio a setembro.

Nesse período em que ela está trabalhando na colheita do café, cabe a mim a responsabilidade de cuidar da casa, dos meus irmãos e das atividades escolares. Situação vivenciada por outras famílias de minha comunidade.

Segundo Thiago Dias Neves, autor do histórico presente no site oficial <https://www.piranga.mg.gov.br> da Prefeitura Municipal de Piranga, a cidade era reconhecida como Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga, em referência a Virgem Maria, trazida pelos portugueses para o Brasil, e ao pássaro Guará que povoavam as margens do rio Piranga. Conforme alguns historiadores o povoamento do Arraial Guarapiranga iniciou-se em 1691. Treze anos após, sendo mais precisa no ano de 1704, foi oficialmente fundado o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Guarapiranga, neste mesmo ano foi descoberto e cultivado o ouro a céu aberto no Córrego das Almas, que transpassa o centro da cidade. E assim o povoado foi crescendo a margens do Córrego das Almas e ao redor da capela de Nossa Senhora da Conceição. Anos depois foi erguida a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, umas das cinco primeiras paróquias de Minas Gerais.

Ainda em conformidade com o site da prefeitura, um fato histórico importante que ocorreu na região foi a guerra dos Emboabas¹, conflito entre as forças paulistas e os emboabas em razão ao domínio da exploração das jazidas de ouro na região das Minas. Conflito armado que durou por dois anos e deixou além de mortes entre paulistas e mineiros, deixou formas regulatórias para o governo brasileiro explorar o ouro e mediar o conflito entre paulistas e mineiros. A guerra ocorreu na fazenda do Cutia, hoje reconhecida como Santo Antônio do Pirapetinga (Bacalhau). A partir deste conflito e a interferência do governador federal originou-se as províncias de São Paulo e Minas Gerais. Com a decadência do ouro, Guarapiranga tornou-se uma região agrícola, produzindo e fornecendo para as demais regiões de extração do ouro.

¹ Conferir nota no vídeo sobre a guerra dos emboabas <https://www.youtube.com/watch?v=psxbje-tz9s> acesso em 18/06/2023.

Em 1841 começa o processo de emancipação do Arraial Guarapiranga, vinte sete anos depois, em 1868, transforma-se em município. Anos depois o município de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga é convertido para Piranga. Como é conhecido até os dias atuais. Vejamos um mapa com a localização do município de Piranga.



Imagem disponível no site https://www.familysearch.org/pt/wiki/Piranga,_Minas_Gerais,_Brasil_-_Genealogia#Descri.C3.A7.C3.A3o.

De acordo com os dados do Censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010), Piranga é uma cidade com uma extensão territorial de 658,812 km², sua população estimada, em 2021, era de 17.641 habitantes. A cidade está localizada no sudeste de Minas Gerais, na região Zona da Mata, pertencendo a microrregião de Viçosa. A maior parte da população de Piranga está concentrada nas áreas rurais, sendo respectivamente 65,43%, enquanto na área urbana estão concentradas apenas 34,57% da população (IBGE, Censo demográfico, 2010). As atividades econômicas desenvolvidas na cidade são: a pecuária, agricultura, extrativismo e o comércio.

A comunidade de Roça Grande, comunidade na qual residem as mulheres que foram investigadas na pesquisa, está localizada em uma área rural no município de Piranga-MG, possuindo quarenta e sete residências tendo, em média, cento e trinta e sete moradores. Nesta comunidade é praticado a agricultura familiar, na qual pequenos proprietários plantam no quintal, alimentos que ajudam na subsistência. Também criam galinhas, patos, porcos, animais domésticos; gato, cachorro. Para a prática de atividades da agricultura é utilizado a mão de obra manual para capina, roçado, plantação, colheita, dentre outros. Atualmente a comunidade vem se desenvolvendo tecnologicamente, com rede de telefonia móvel e a internet via fibra óptica.

A comunidade é cercada por pastos, onde fica os gados dos fazendeiros das comunidades vizinhas. Em frente, deparamos com uma área para plantação de grãos; milho e feijão, que também é propriedade dos fazendeiros. Durante a colheita do feijão os proprietários contratam trabalhadores da comunidade e também de comunidades vizinhas, já na colheita do milho o trabalho é realizado pelas máquinas. Em que é colhido, triturado e transportado para os silos, onde ocorre a fermentação da silagem para a alimentação dos gados.

A comunidade possui somente um estabelecimento comercial, uma pequena mercearia. Para os outros serviços os moradores buscam o atendimento na comunidade do Carioca, a qual tem uma escola estadual, uma capela, um posto de saúde e mercearias. Para os serviços mais complexos, esses vão até o centro da cidade de Piranga.

Por muito tempo, a única religião presente na comunidade era a Católica, atualmente, encontra-se também a religião Evangélica com poucos integrantes, tendo predominância os católicos.

Acerca da economia, muitas pessoas saem em busca de emprego em outras cidades, acabando permanecendo por lá. Outras saem temporariamente retornando ao lar, e tem ainda outros que se deslocam todos os dias para outras comunidades para trabalhar, mas voltam no fim da tarde. Em especial, mas não exclusivo, é o caso das mulheres que se deslocam de segunda a sexta-feira para a colheita do café, num período de cinco meses durante o ano. Geralmente do mês de maio ao mês de setembro. Processo de deslocamento investigado na minha pesquisa.

A fazenda a qual estas mulheres trabalham recebe o nome de fazenda Macena, está localizada na comunidade Mata-Onça, também pertencente ao município de Piranga-MG, e é de propriedade dos irmãos Dr. Egídio Santana² e Ernesto Oliveira Santana.

De acordo com os informantes³ e o site da União dos Produtores de Café das Matas de Minas (UP CAFÉ), a produção nessa fazenda iniciou, oficialmente, no ano 2000 (dois mil), quando os proprietários trouxeram de Viçosa-MG as primeiras mudas do café arábica para a região. Antes dessa data, a fazenda era voltada para a atividade da pecuária com a criação de gado de corte, depois foi transformada para a produção do café, prosseguindo com uma tradição secular da região e do estado de Minas Gerais.

A fazenda está localizada numa região em que o clima e a altitude são favoráveis para a produção de um café de qualidade, em sintonia com a natureza. Possuindo corredores ecológicos, preservação de árvores nativas e utilização de água de nascentes situadas na própria fazenda.

² Recebe o título de doutor por ser médico ortopedista.

³ Dono da lavoura e o encarregado. Pessoas que contribuíram com as informações acerca da Fazenda Macena.

Ainda em conformidade com o site da UP CAFÉ, no ano de 2018, iniciou uma reestruturação da fazenda com o apoio e parceria da SEBRAE/EDUCAMPO⁴, que contribuiu para a utilização da tecnologia de uma maneira mais sustentável, diminuindo os desperdícios, conservando os recursos naturais e a capacitação técnica dos colaboradores.

A produção de café desempenha um fator socioeconômico relevante na região, empregando inúmeros agricultores familiares. Atualmente são destinados para a produção um espaço de 120 hectares. Contando com a colaboração de homens para os registros anuais, e das mulheres para a atividade de colheita do café. Ainda hoje, mesmo com os avanços tecnológicos e embora se utilizem tratores, o trabalho de colheita é desenvolvido manualmente.

A fazenda recebe trabalhadores de quatro comunidades sendo uma próxima e três mais distantes, respectivamente: Aqueita Sol, Mata-Onça, Carioca e Santo Antônio. Vale ressaltar que Roça Grande é um pequeno arraial que pertence a comunidade do Carioca. O deslocamento dessas mulheres é garantido pelos donos da fazenda que contratam veículos terceirizados.

Ao longo da minha jornada na LECampo, me deparei com disciplinas que me convocavam a falar sobre o café. Na disciplina de Economia e Sociedade, ministrada pela professora Ana Paula Giavara, no primeiro semestre letivo do ano de dois mil e vinte e dois, por exemplo, foi sugerido um trabalho sobre uma cadeia produtiva, pensei, então, em investigar a cadeia produtiva do café, entretanto, não pude, porque a cadeia produtiva desse produto não pertencia a comunidade em que resido, a comunidade Roça Grande. Alguns textos acadêmicos também contribuíram para a escolha de meu tema, sobre os quais abordarei na sequência.

Com a realização do meu trabalho espero contribuir para a valorização dessas mulheres batalhadoras que, além de assumir o compromisso com o cuidado da família, buscam trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Ademais, acredito que a minha pesquisa contribuirá para outros pesquisadores que visam o protagonismo, credibilidade e visibilidade das mulheres do campo.

Para realização desta pesquisa, cujo objetivo geral teve como foco analisar como o trabalho interfere e o que ele representa na vida das mulheres, da comunidade Roça Grande, Piranga-MG, que se deslocam para a colheita de café na fazenda Macena, localizada no município de Piranga-MG. Para isso, foram elencados como objetivos específicos, a identificação das mulheres da comunidade de Roça Grande que se deslocam para a colheita de

⁴ EDUCAMPO é uma plataforma tecnológica da SEBRAE que visa dar suporte aos produtores rurais, afim de construir capacidades e criar oportunidades para o desenvolvimento individual e coletivo do agronegócio. <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em 04/11/2022.

café na fazenda Macena; compreender os fatores que levam essas mulheres da comunidade de Roça Grande, município de Piranga- MG, a se deslocarem em busca de trabalho; descrever as atividades realizadas por essas mulheres da comunidade de Roça Grande que se deslocam para a colheita de café na fazenda Macena e por fim a identificação de possíveis implicações sociais provocadas pelo deslocamento dessas mulheres da comunidade para a colheita de café.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para consolidar o objetivo geral, foi utilizado o método qualitativo. Conforme Minayo (2001, p.22), [...]“A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo de significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Neste sentido baseou-se em entrevista semiestruturada, pesquisa de campo e aplicação de questionários com sete mulheres camponesas da comunidade Roça Grande, Piranga-MG, que já se deslocaram ou ainda deslocam para o trabalho na colheita de café. Vale ressaltar que a intenção era aplicar o questionário para em média quarenta mulheres, porém devido as circunstâncias como o tempo para a realização do trabalho e o horário que poderia estar me deslocando até a casa dessas mulheres fez com que não conseguisse atingir este total previsto. No entanto, realizei o questionário com essas sete que são de mais fácil acesso e que se encontravam em seus domicílios.

O questionário foi aplicado na tarde do dia 17 de abril de 2023, tendo início às 13:00h e terminando às 16:00h. Considero uma pesquisa de Campo, tendo em vista que este questionário foi realizado com as mulheres em suas próprias residências, somente uma das mulheres se encontrava na casa da vizinha, com isso, aproveitei e apliquei o questionário, que inclusive as duas responderam juntas, uma completando a informação da outra.

Como já conhecia todas as mulheres na qual iria aplicar o questionário e elas também já sabiam um pouco sobre o meu trabalho, foi fácil a interação. Apenas expliquei do que se tratava a minha pesquisa e perguntei se elas queriam participar respondendo um questionário sobre o trabalho na panha de café. A princípio ficaram um pouco intimidadas, pois acreditavam que não saberiam responder. Neste momento comecei a conversar com elas um pouco sobre o assunto, fazendo com que compreendessem que não tinha nem certo e nem errado, somente queria conhecer, entender e compreender seus pontos de vista sobre o trabalho na lavoura de café, e assim começamos o questionário. O questionário era composto por questões abertas e fechadas, algumas das mulheres preferiram falar para eu escrever, já outras preferiram escrever, pois segundo elas é mais fácil ir pensando e escrevendo.

Iniciei o questionário com perguntas pessoais afim de aproximar um pouco mais das mulheres, depois fui envolvendo perguntas objetivas sobre trabalho na lavoura de café e a relação com a família.

A entrevista foi realizada no dia 09 de fevereiro de 2023 com uma das mulheres, que no caso é a minha mãe, que vivenciou e ainda vivencia este processo de deslocamento e trabalho na colheita de café.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para consolidação da minha pesquisa, procurei dialogar com trabalhos que abordam os seguintes temas: Gênero e migração; Migração pendular; O trabalho da mulher nas lavouras de café.

3.1 Gênero e migração

O fenômeno da migração é um processo histórico internacional e nacional marcado pelo desenvolvimento mundial. No Brasil desde a colonização até os dias atuais vem ocorrendo o deslocamento e a chegada de indivíduos ou grupos em diversas regiões brasileiras.

A saída de homens e mulheres de seu local de origem ocorre por diversos fatores dentre eles sociais e econômicos onde muitas das vezes migram em busca de trabalho remunerado para suprir suas necessidades básicas ou melhorias na condição de vida da sua família.

Atualmente, com a nova estrutura e organização mundial as mulheres tem ocupado um novo espaço na sociedade, a luta por reconhecimento, equidade, e empoderamento fez com que essas protagonistas alcançassem sua liberdade e autonomia própria. De acordo com o artigo Migrações e gênero- trabalho, empreendedorismo e discriminações da autora Maria da Conceição Pereira Ramos o que tem contribuído para a expansão do processo migratório feminino é a globalização e a mudança no mercado de trabalho.

Conforme Ramos (2010) “as mulheres ganham maior independência e empoderamento no projeto migratório”. Para ela “As mulheres migrantes são agentes de mudança e de desenvolvimento nos países de origem e de acolhimento, onde contribuem para diferentes transformações e inovações” (RAMOS, 2010, p.1).

Em hipótese, na comunidade de Roça Grande o deslocamento das mulheres representa além da independência em relação aos pais e maridos, a busca pela contribuição econômica dentro de casa. Uma vez que o dinheiro que adquirem com a colheita de café é dividido para pagamentos de contas, contribuição com o marido para compras alimentícias do mês, roupas e materiais escolares para os filhos, e algumas vezes em móveis/ eletrodomésticos.

Acerca do tipo de trabalho destinados para as mulheres na cafeicultura da fazenda Macena no município de Piranga, geralmente as atividades se concentram na colheita do café. E a cada ano vem diminuindo a quantidade de homens neste setor. Acredito que a causa deste efeito se deu a partir do momento que estes homens que frequentavam a lavoura começaram a

conseguir trabalho fixo, tendo em vista que a colheita do café tem duração de apenas quatro a cinco meses no ano, o que deixava-os vulneráveis ao desemprego no restante do ano.

O trabalho masculino na lavoura é destinado apenas para alguns homens que já se encontram lá a mais tempo, neste caso são registrados e realizam o serviço durante todo o ano.

3.2 Migração pendular

A migração pendular, também conhecida como movimento pendular recebe-se este nome por se tratar do deslocamento diário de ida e volta que determinado indivíduo ou grupo de pessoas realizam para outros locais, seja para estudar ou para trabalhar.

Nessa pesquisa abordarei a migração pendular dentro do trabalho sazonal, que neste caso é o movimento diário que as mulheres fazem de ida e volta para a colheita de café durante um determinado período, normalmente do mês de maio ao mês setembro.

Segundo o artigo Migrações temporárias e as relações de trabalho no campo da autora Maria Andréa Angelloti Carmo, o fenômeno da migração pendular geralmente está associada a relação entre campo-cidade, ou cidade-cidade onde as pessoas de baixa renda que vivem na periferia se movem em busca de emprego na metrópole retornando para seu local de moradia após o expediente. No entanto, com o desenvolvimento das técnicas e produções agrícolas vem se reestruturando uma nova dinâmica de migração, no que se refere a migração pendular atualmente não encontra apenas o movimento campo-cidade ou cidade-cidade, mas também o movimento de campo-campo. Conforme a autora, o processo de produções de gêneros agrícolas foi responsável pelos “intensos movimentos migratórios e de deslocamento da população” (CARMO, 2012, p.1), tendo em vista a grande necessidade de mão de obra.

Este fenômeno ocorre na comunidade de Roça Grande com a saída das mulheres para a cafeicultura na fazenda Macena. Durante o período de colheita do café as mulheres possuem uma rotina fixa de segunda a sexta-feira, em que acordam bem cedo para arrumar a marmitta e o café, às seis horas da manhã descem para o ponto de ônibus, algumas mulheres percorrem uma distância maior, outras menor. O ônibus contratado para o transporte passa entre 06:15 às 06:20, depois disso demora em média uma hora e meia para chegarem ao local de trabalho e assim começam a atividade da colheita. Como recebem por produção, o horário de almoço e café ficam por conta própria, ou seja, param para se alimentar quando desejam. Realizam a atividade até as dezesseis horas (16:00) / dezesseis e trinta (16:30) da tarde, após este horário juntam o material (rodo, peneira, lona, saco), descem para a fazenda afim de guardá-los, e tomar

o ônibus novamente para retornar para casa, chegando normalmente no início da noite entre dezoito horas (18:00) a dezoito e trinta (18:30), as vezes ocorre delas chegarem um pouco mais cedo, mas é muito difícil de acontecer.

Na fazenda Macena, município de Piranga, sobre a qual venho pesquisando, a quantidade de mulheres que se deslocam é totalmente superior em relação aos homens, no que diz respeito ao trabalho na colheita de café, o que difere de outras regiões cafeeiras, como exemplo no Cerrado Mineiro. Sobre a migração nesta região Maria Andréa Angelloti Carmo diz:

É característica desse tipo de movimento a presença majoritariamente masculina, onde predominam os mais jovens com idade entre dezenove e quarenta anos, principalmente, podendo ser encontrados adolescentes e também trabalhadores idosos. Os movimentos migratórios, na grande maioria dos casos, são marcados pela especial presença de homens e, nos quais, a presença feminina é quase sempre exceção[...] (CARMO, 2012, p. 8).

No entanto, o que permite a não migração destas mulheres é a responsabilidade com os filhos, o cuidado e gerência da casa enquanto os maridos estão fora. O que não ocorre necessariamente com as mulheres de Roça Grande, uma vez que o movimento pendular permite que elas retornem todos os dias para o lar, e enquanto estão fora orientam os filhos maiores a realizarem a tarefa de casa e a cuidar dos irmãos. Em caso de filhos pequenos, costumam retribuir alguém para ficar responsável por seus cuidados.

Neste sentido, percebe-se a mudança em relação ao trabalho que antes era designado para as mulheres, a função biológica passa a ser incrementada ao protagonismo das mesmas. Acerca deste protagonismo Souza e Freitas (2015, p.3) revela que “o protagonismo destas mulheres pode ainda sugerir uma inserção de gênero mais igualitária de emprego no campo, considerando seus rendimentos e condições de trabalho[...]”, fato que se nota com o trabalho das mulheres na colheita de café.

3.3 O trabalho da mulher nas lavouras de café

O trabalho da mulher nas lavouras de café proporciona a elas uma certa autonomia e liberdade, pois é onde ocupam um espaço distinto em relação a esfera familiar. Entretanto, o seu trabalho continua submerso ao trabalho masculino, tendo em vista que na área rural o mesmo ainda tem predominância. É o que os autores Celso Antônio Spaggiari Souza e Rita de Cássia Santos Freitas afirmam em seu artigo Gênero, trabalho e migração: lugares de homens e mulheres na lavoura de café do Sul de Minas Gerais, presente na revista UNIABEU. Assim diz Souza e Freitas (2015):

[...]Ainda que não se possa negar a crescente presença de mulheres neste mercado de trabalho e que os rendimentos por elas auferidos devem ser fundamentais para manutenção, reprodução das famílias e superação da pobreza, o que tem ocorrido são indícios de apenas “deslocamentos de fronteiras da desigualdade entre homens e mulheres”, e que os territórios rurais continuam predominantemente androcêntricos.[...] (SOUZA e FREITAS, 2015, p.15)

As mulheres enfrentam diversos desafios ao longo de sua jornada de trabalho, pois além de se preocuparem com o serviço fora de casa, preocupam-se também com o trabalho doméstico, em que muitas das vezes se concentra no cuidado do lar e de seus filhos. No entanto, algumas mães contam com a colaboração de seus filhos para a realização das atividades domésticas enquanto estão no trabalho, especialmente das filhas, uma vez que já possuem o hábito de realizar estas atividades. No entanto, com esse processo os filhos assumem responsabilidades mais novas, o que gera a eles uma sobrecarga. Tendo em vista que além das tarefas domésticas, devem organizar/retirar um tempo para estudar, pois na maioria dos casos estes filhos ainda frequentam a escola. É o que ocorre/ocorreu com uma grande parte das famílias presentes na comunidade de Roça Grande durante o período da safra do café.

Vale ressaltar que atualmente alguns filhos não se encontram mais na situação de cuidado com a casa dos pais, pois agora constituem sua própria família ou possuem o seu próprio emprego e sustento. Contudo, não moram mais com seus pais. Já outros concluíram a educação básica e optaram por estudar um pouco mais afim de uma formação superior. Este é o meu caso, que graças ao formato em alternância do curso de Licenciatura em Educação do Campo ofertado pela Universidade Federal de Minas Gerais, pude continuar meus estudos e ainda ajudo minha mãe com os afazeres de casa durante o período de colheita. Pois neste contexto estou aqui na comunidade realizando os trabalhos do TC (Tempo Comunidade), que ocorre nos meses de fevereiro-junho e agosto-dezembro intervalo do TE (Tempo Escola), este por sua vez acontece presencial nos meses de janeiro e julho, onde tenho que me deslocar até a cidade de Belo Horizonte permanecendo lá durante o mês.

4. RESULTADO DA PESQUISA

Na aplicação do questionário e na realização da entrevista surgiram questões pertinentes em relação ao meu problema de pesquisa, tendo em vista que queria entender o que representa o trabalho na colheita de café para as mulheres de Roça Grande, e como ele interfere em suas vidas.

Conforme as mulheres, são diversos os desafios encontrados no processo de deslocamento para o trabalho, a rotina exaustiva, a preocupação com a família e com o lar, os riscos à saúde, a falta de infraestrutura e os perigos presentes no local. Porém, apesar das dificuldades, várias indagações reforçam a importância do trabalho na lavoura de café, que, por ser um trabalho difícil, cansativo e perigoso, favorece a autonomia e determinação dessas mulheres, que percebem o trabalho como bom e prazeroso. Como relata as sujeitas da pesquisa:

“Pra gente o trabalho na colheita de café é muito bom, porque é onde distraimo a cabeça, a gente se sente muito bem, vai indo a gente até acostuma com a rotina.” (Dona Léia e Maria do Carmo, panhadeiras de café)

“...O bom do café é que a gente conhece pessoas novas, fazia muita amizade na hora do almoço, porque a gente almoçava junto. Na hora de pegar o ônibus dava pra conversar um pouco, era muito divertido...” (Matildes, ex-panhadeira de café)

No entanto, o que torna mais instigante no processo de deslocamento dessas mulheres é a valorização que elas atribuem ao dinheiro ganho com o trabalho na colheita de café, em que a preocupação e a necessidade em utilizar em gastos com a família, suprem as dificuldades que encontram no local de trabalho. Como é evidente na fala das mulheres.

“O trabalho na colheita de café traz uma melhoria muito grande em minha vida, é onde trabalho e ganho um dinheiro para ajudar minha família. Com o dinheiro ajudo meu marido com a despesa da casa, compro roupa para os meus filhos, material escolar, dentre outros.” (Marlene, panhadeira de café)

“O trabalho na colheita de café apesar de ser difícil, era muito bom, porque era o único serviço que tinha para nós mulheres ganhar

um dinheirinho, que ajudava muito na renda (...)” (Maria Tatiane, ex-panhadeira de café)

“O trabalho representou uma coisa boa, pois me ajudou a ganhar uma renda extra e assim comprar umas coisas básicas para a casa.” (Patrícia, ex-panhadeira de café)

“O trabalho na lavoura pra mim foi ótimo, além de ganhar um dinheirinho para ajudar em casa, comprava as coisas pros meus filhos e movéis para a casa. Porque não dá só pro marido comprar sozinho, fica pesado para ele (...)”. (Matildes, ex-panhadeira de café)

Outro aspecto que pude perceber com o relato das mulheres é que elas se preocupam em ajudar o marido, comprar coisas para a casa, para os filhos, mas em nenhum momento pensam em gastar o dinheiro com elas mesmo.

Vale ressaltar que muitas mulheres deixaram de trabalhar na lavoura de café devido ao surgimento de doenças, como bursite e osteoporose, doenças essas que atacam o osso e se agravam ainda mais com o trabalho na colheita de café. Além disso, começaram a sentir sobrecarregadas, uma vez que faziam jornada dupla com o trabalho na colheita e o trabalho doméstico.

No entanto, as mulheres que continuam se deslocando para o trabalho na lavoura contam com a colaboração da família, notamos claramente nas falas das sujeitas a importância que os filhos exercem ao contribuir com as atividades domésticas.

“Fazia! Arrumava tudo, quando eu chegava em casa não tinha nada pra arrumar uai, só tomava banho e arrumava comida pra encher marmitta pra sair no outro dia de novo.” (Marlene, panhadeira de café)

4.1 Conhecendo um pouco mais sobre as sujeitas de pesquisa e o trabalho na lavoura de café

- Me chamo Maria do Carmo Martins Bernardo, sou uma mulher negra, de 45 anos, viúva, e tenho 3 filhos. Não tenho ensino fundamental completo, pois estudei até a 4ª série. Já faz em média 12 anos que trabalho na lavoura de café.

Meu nome é Léia Bernardo, sou uma mulher negra, de 55 anos, casada, tenho 3 filhos. Também não tenho o ensino fundamental completo, pois estudei até a 4ª série. Trabalho na lavoura a 23

anos, desde quando iniciou a produção do café. Pra gente o trabalho na colheita de café é muito bom, porque é onde distraímos a cabeça, a gente se sente muito bem, vai indo a gente até acostuma com a rotina. É um dinheiro que a gente pode contar, que sabe que é nosso, trabalhamos para conseguir.

A relação com a família é boa, mais cansativa, porque é muito corrido. A gente sai cedo, não tem hora de chegar. Quando os meninos eram pequenos tinha que pegar na casa dos outros, dar banho, para no outro dia repetir a rotina.

O trabalho na colheita de café é bom e ruim ao mesmo tempo. Tem dia que a gente trabalha e panha pouco café porque a carreira está ruim. É cansativo e perigoso, tem muita ribanceira, animais perigosos como cobra, aranha, e também muitas sujeiras no local, folha de café molhada. É um trabalho sacrificoso, os sacos de café para levar até o trator são muito pesados.

- Eu sou a Marlene, uma mulher parda, de 44 anos, casada, que tenho 4 filhos. Não tenho ensino fundamental completo, pois estudei somente até a 4ª série. Trabalho na lavoura de café a aproximadamente uns quinze anos, desde que meus filhos eram pequenos até os dias atuais. O trabalho na colheita de café traz uma melhoria muito grande em minha vida, é onde trabalho e ganho um dinheiro para ajudar minha família. Com o dinheiro ajudo meu marido com a despesa da casa, compro roupa para os meus filhos, material escolar, dentre outros.

Durante a semana (segunda à sexta) quase não vejo meus filhos, deixo eles dormindo e quando chego já estão dormindo. Quem cuida dos afazeres da casa são as crianças mesmo.

O trabalho na lavoura de café é bom, só que muito cansativo e perigoso. A gente pega em vários insetos e bichos perigosos.

- Meu nome é Regina, sou parda, tenho 48 anos, sou casada e tenho 4 filhos. Não tenho ensino fundamental completo, pois estudei até a 4ª série. Trabalho na lavoura a aproximadamente dezesseis anos, desde que meus filhos eram pequenos. Hoje são homens e mulheres, alguns construíram família e os outros ainda moram comigo. A minha relação com o trabalho e a família é boa, só chego arrumo janta, a minha marmitta e vou descansar para levantar cedo no outro dia.

O trabalho na lavoura representa um ganho extra, porque com esse dinheiro eu compro as coisas para mim e para casa. Quando meus filhos dependiam de mim, o dinheiro do café ajudava a comprar coisas para eles também. Então ajuda muito.

O café é um lugar perigoso, sujo, difícil. A gente trabalha molhado em dias de chuva, pega sereno de manhã. Mas apesar disso é bom e divertido. A gente esquece dos problemas.

- Meu nome é Matildes, sou uma mulher negra, de 49 anos, casada e tenho 3 filhos. Tenho o Ensino Médio completo, terminei minha formação pela Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trabalhei na lavoura de café uns dez anos em média, parei de ir por causa de problemas de saúde, tinha muita dor na coluna e assim o médico me proibiu de carregar peso, e também porque meus filhos cresceram e foram embora trabalhar, desse modo ficava muito serviço para mim, a gente acorda muito cedo e chega muito tarde, porque é bem longe. Tinha que cuidar das tarefas de casa, dar atenção pro marido e pros filhos e ajudar na tarefa escolar. A gente dormia quase na hora de sair, porque terminava de arrumar as coisas tarde. Trabalhar na lavoura é muito bom, mas é cansativo.

O trabalho na lavoura pra mim foi ótimo, além de ganhar um dinheirinho para ajudar em casa, comprava as coisas pros meus filhos e móveis para a casa. Porque não dá só pro marido comprar sozinho, fica pesado para ele. Se todas as mulheres pensassem assim tudo seria melhor.

O trabalho na colheita é mais ou menos, porque a gente encontra muita cobras, insetos perigosos. E também muita nojeira debaixo dos pés de café. Lá nós trabalhava debaixo de sol e chuva. O bom do café é que a gente conhece pessoas novas, fazia muita amizade na hora do almoço, porque a gente almoçava junto. Na hora de pegar o ônibus dava pra conversar um pouco, era muito divertido. E o dia mais feliz era o dia do pagamento.

- Meu nome é Maria Tatiane, sou negra, tenho 26 anos, sou casada, tenho um filho e estou grávida de uma menina. Não tenho o nível de escolaridade completo, estudei até o fundamental 2. Trabalhei na colheita de café por 4 anos, parei de trabalhar porque não tinha com quem deixar meu menino, e também porque tenho muita dor no braço o que dificulta o trabalho na colheita de café, porque exige muito da mão e do braço pra panhar.

A situação com o trabalho e a relação com a família era um pouco complicado, a gente chegava tarde para arrumar as coisas, ia dormir muito tarde, não tinha tempo de dar atenção para a família e ficava pouco com meu filho.

O trabalho na colheita de café apesar de ser difícil, era muito bom, porque era o único serviço que tinha para nós mulheres ganhar um dinheirinho, que ajudava muito na renda. Com ele comprei móveis, ajudei meu marido, comprei coisas para o meu filho. O trabalho na lavoura de café é bom e ruim ao mesmo tempo. Bom porque contribui com serviço, com a renda, o que ajudava em casa. E ruim porque é muito cansativo, perigoso, muitos animais e insetos que

aparecem na lavoura. As parambeiras⁵ eram escorregadias, o que fazia com que muitas pessoas caísse.

- Meu nome é Patrícia, sou uma jovem de 24 anos, parda, mãe de duas meninas. Tenho o Ensino Médio completo. Trabalhei na lavoura de café apenas um ano, no ano de 2019. Parei de ir por causa dos desafios, tinha uma criança pequena para cuidar e além disso as obrigações de casa. A minha relação com o trabalho na lavoura e a família foi cansativa, porque eu tinha que chegar tarde para cuidar da casa, da minha filha, arrumar a marmita, o café para levar no outro dia. A gente chegava tarde só dava tempo de arrumar as coisas, tomar banho e ir dormir, para voltar para a lida no dia seguinte.

O trabalho representou uma coisa boa, pois me ajudou a ganhar uma renda extra e assim comprar umas coisas básicas para a casa.

O trabalho na colheita é mais ou menos, não é bom e nem ruim. O bom é que a gente ganha um dinheiro e o ruim são as condições precárias, porque lá não tinha banheiro, a gente tinha que fazer necessidades escondido no mato, não tinha higiene. Sem falar nos perigos como cobras, sapos, lesmas, etc. Por isso que ao mesmo tempo que é bom, é ruim.

4.2 Narrativas das mulheres panhadeiras de café em Piranga

As narrativas dessas mulheres aqui apresentadas são oriundas da entrevista realizada para esta pesquisa. Pela singularidade e significação do conteúdo das questões reveladas através da entrevista é que inserimos na sua íntegra a entrevista.

Pesquisadora: Quem te contou sobre o café? Como a senhora ficou sabendo? Pode ir contando a história tudo.

Entrevistada: *tá, pode deixar que eu vou contar.*

Quando eu casei todo mundo ia pra lavoura de café, só que eu tinha muita vontade de ir mas não podia ir porque tinha meus minino tudo pequeno não tinha como eu ir com quem deixar. Aí depois eu fui i pedi pra uma vizinha pra ficar com meus minino só que ela ficou um três dias e não quis ficar mais, falou que não ia levanta cedo mais que não ia fica oiando minino pro zoutro i trabaia. I eu morrendo de vontade de i pro café, veno todo mundo ino mas não tinha

⁵ Parambeiras são os grandes aclives para subir ou declive para descer, é o que conhecemos como abismo.

jeito de i. Aí depois, tinha uma vizinha, uma moça, nova coitada, aí falou não eu fico com os minino pro cê, aí pegou ficar com os minino pra mim, aí eu peguei i. Ia pra lavoura saía cedo chegava tarde, achava os minino tudo de banho tomado, jantado. Aí depois meus minino foi creceno, aí eu peguei i deixa eis sozim, ia pra escola, chegava, ficava sozim. Foi assim.

Pesquisadora: Mas por que a senhora tinha vontade de ir pro café? Quando a senhora fala que tinha muita vontade de ir pro café,mas por que senhora tinha vontade?

Entrevistada: *Porque a gente precisava de comprar alguma coisa e só o marido pra trabaia não dava conta de comprar e a gente trabalhando a gente podia comprar as coisa que a gente queria pra gente , pros fi da gente, podia ajudar dentro de casa, comprar um móvel pra casa. Por esse motivo.*

Pesquisadora: aah, ée depois que a senhora fala, a senhora falou muito pouco aí, depois que seus filhos crescem. Aí comé que é... por que, quem que fica?

Entrevistada: Depois que eles crescem eles ficam sozim dentro de casa

Pesquisadora: Mas e a casa?

Entrevistada: *A casa fica fechada, uns vai pra escola, outros vai trabaia. Quando eu chego, tem que fazer janta, arrumar casa, pra sair no outro dia seis horas da manhã de novo, chega tarde.*

Pesquisadora: Mas seus fi tão com quantos anos?

Entrevistada: *Hoje graças a Deus os meus meninos (risos) um tá com dezoito, a outra tá com viiinte e um, e tem um de 13. E agora tem uma netinha que mora comigo...*

Pesquisadora: E o outro?

Entrevistada: *O outro tem 24 ano.*

Pesquisadora: Então, mas quando a senhora saía pra trabalhar, no caso, que eles ficavam sozim, eles tava com quantos anos?

Entrevistada: *Aah o mais véio tava com 14, 15, a menina tava com 12 e o outro tava com 8,9.*

Pesquisadora: E nessa época eles já faziam alguma coisa, ajudava em casa?

Entrevistada: *Fazia! Arrumava tudo, quando eu chegava em casa não tinha nada pra arrumar uai, só tomava banho e arrumava comida pra encher marmitta pra sair no outro dia de novo.*

Pesquisadora: E hoje como que é? Quando a senhora vai pro café?

Entrevistada: *Hoje eu vou pro café, meus menino tá tudo pra escola, um muncado já saiu da escola. Aí quando chego tem dia que não tenho nada pra fazer mais, tem dia que eu tenho que fazer, porque meus meninos sai tudo pra ir trabalhar, a casa fica fechada sozinha, e lá se vai!*

Pesquisadora: E lá no café, como que é? Porque cês tem acordar cedo pra ir né, que horas cês sai de casa?

Entrevistada: *A gente sai de casa seis horas da manhã, chega lá a gente toma um cafezím, porque a gente já chega lá com fome porque é longe.*

Pesquisadora: é quantas horas dee?

Entrevistada: *é mais de uma hora de ônibus, a gente sai daqui seis horas e chega lá mais de sete horas de ônibus, aí tem que levar água pra tomar lá, tem que esquentar marmitta lá, moia tudo, trabalha tudo molhado o dia inteiro, tem dia. Pega ne cobra, ne minhoca, ne lesma.*

Pesquisadora: nos bicho tudo, mas lá então é bem difícil né?

Entrevistada: *difícil mas é gostoso, divertido, é onde a gente tira um dinheirinho pra comprar alguma coisa.*

Pesquisadora: quando a senhora fala que lá é divertido, é divertido porque?

Entrevistada: *porque é lá que a gente rever os amigos, conversa muito, cada um na sua carreira de café pra lá, ninguém incomoda ninguém, o tempo passa rápido. Final do mês a gente tem o dinheirinho da gente, porque a gente que não é estudado, que não é formado, a gente não tem lugar pra trabalhar.*

Pesquisadora: E quando a senhora fala que compra móveis, compra as coisas. Seu marido não compra não?

Entrevistada: *Compra, mais é porque o marido não dá conta de comprar sozinho, de tratar da casa, comprar móveis, comprar as coisas tudo sozim. É muita coisa, é muita conta pra pagar, muita coisa, a gente gasta bastante, aí fica difícil.*

Pesquisadora: Aí quem compra os móveis são vocês que saem pra lavoura?

Entrevistada: *sim*

Pesquisadora: que tipos de móveis?

Entrevistada: *a gente que compra alguma coisa, um colchão, uma cama, um fogão, alguma coisa assim, ajuda na despesa da casa.*

O Manu vem cá (Chamou a neta)

Pesquisadora: guarda roupa..

Entrevistada: *É*

Pesquisadora: E o material da escola dos meninos, a senhora tem algum benefício que ajuda?

Entrevistada: *hoje graças a Deus tem a bolsa família, que ajuda a gente muito. Mas antes não, antigamente não tinha nada, ninguém tinha dinheiro pra comprar nada.*

Pesquisadora: a senhora já trabalhou em outros lugares?

Entrevistada: *não*

Pesquisadora: antes do café, a senhora nunca tinha trabalhado não?

Entrevistada: *não*

(Minutos de pausa da entrevista)

Pesquisadora: Como os familiares reagiram ao ver a senhora saindo pra ir trabalhar? Seu marido... A senhora saiu só depois que casou né?

Entrevistada: *sim*

Pesquisadora: E como seu marido via? Ele deixava a senhora ir?

Entrevistada: *Deixava uai, achava bom. Porque tinha que construir casa, acabar de fazer casa, tinha que comprar as coisa pra minino, então tinha que sair pra ajudar uai.*

Pesquisadora: e como é o serviço lá na lavoura?

Entrevistada: *uai lá a gente chega de manhã, aí da a gente duas lonas pra gente colocar debaixo do pé de café, um pône de um lado e o outro do outro, duas pessoas panha junto, aí tem cinco saco, aí cê enche aquele saco, a hora que cê panha, cê limpa, enche o saco, leva na estrada, o trator passa, mede. Aí tem um valor lá que paga no saco, cada saco paga é um valor. Aí conforme cê tira é o tanto que você ganha, cê você tirar muito ganha muito, se tirar pouco ganha pouco. Tem vez que não tem café nenhum, tem vez que o café tá ruim demais, quando tá bão de café da pra tirar bem, da pra sair o valor do dia. Mas quando tá ruim de café a gente não tira quase nada, mas tem que ir simemo, aí quando recebe lá dá um dinherim no fim do mês.*

Pesquisadora: no começo a senhora panhava café com quem?

Entrevistada: *No começo panhava com meu marido, depois eu parei de panhar com ele, porque ele ficava numa reclamação danada quando eu panhava bastante, que tava pesado pra carregar o saco, que é isso que é aquilo (risos)... Aí não panhei com ele mais não, larguei ele pra lá.*

Pesquisadora: (risos)

Mas o café dava pra sustentar a casa, os filhos, ou ele teve que sair pra fora ou ele só parou mesmo por causa disso?

Entrevistada: *Dava pra sustentar uai, mas só que, ele mole demais pra panhar, eu cá gostava de panhar mais um cadim (risos)*

Pesquisadora: mas só que o café ele não é todo o período do ano, e comé que ele fazia no restante?

Entrevistada: *saía pra fora uai, ia pra São Paulo, pra Itabirito pra trabaia, depois quando era ocasião de café ele voltava de novo pra me ajudar. Aí depois eu arrumei minha irmã, a vizinha, peguei panha com os outros e ele continuava pra fora, Pra Moeda, Itabirito, pra esses lugar.*

Pesquisadora: Mas com o tempo ele preferiu trabalhar lá fora do que vim trabalhar no café, num foi?

Entrevistada: *Foi, porque o café tava muito ruim, não tava dando pra tirar dia de serviço não, então não dava pra homem ficar perdendo o dia. Ês pegou pagar por dia, aí pagava pouco, ou*

quando ia o homem e a mulher perdia o dia, não tirava o dia. Aí preferiu ir pra fora que ganhava mais um cadim.

Pesquisadora: E a senhora gosta de trabalhar lá no café?

Entrevistada: *Gostar eu não gosto não, trabalho porque preciso. Vou gostar de pegar ne minhoca, ne porcaria, ne bicho, ne tudo que há? Eu preciso te trabalhar, mas gostar não.*

Pesquisadora: Mas a senhora num falou que é divertido, que a senhora encontra os amigos?

Entrevistada: *Divertido é uai, mas é muito sacrificoso. A gente panha muita friagem, a gente moia muito, a gente machuca no meio do café, é bicho, é muita coisa, é muito perigoso.*

Pesquisadora: Ah entendi. Por enquanto é isso, muito obrigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No término desta pesquisa, tivemos a percepção que a expansão do processo migratório pendular para o trabalho tem possibilitado a inserção das mulheres no mercado de trabalho, inclusive nos setores agrícolas. Ao falarmos, sobretudo das mulheres do Campo, estas muitas vezes foram repreendidas, excluídas do setor laboral. O que se evidenciou através desta pesquisa é que há, por parte destas mulheres uma força tanto no sentido do enfrentamento ao preconceito ao trabalho, mas principalmente, a forma de assumir atividades, dadas como exclusivas para homens, desta forma percebemos o avanço em suas conquistas pela liberdade e pela autonomia. Neste sentido, podemos compreender que apesar do trabalho na colheita de café ser um trabalho repleto de desafios, tais como a rotina exaustiva, a dupla jornada de trabalho, os riscos causados pelas condições adversas do clima e por animais peçonhentos, as mulheres da comunidade de Roça Grande, sentem-se gratas pela oportunidade de emprego, que contribui para uma melhoria em suas vidas, pois com o dinheiro que conseguem na colheita compram coisas básicas para casa e para os filhos.

Todavia o trabalho na colheita de café, embora que seja sacrificante, é responsável por desencadear um bem-estar diário na vida das mulheres, tendo em vista que é onde se encontram, conversam, criam laços de amizade mantendo uma relação afetiva e harmoniosa.

Contudo, percebemos a potencialidade que o trabalho na lavoura de café gera na vida dessas mulheres camponesas, mães, com pouca escolaridade, que encontram no processo de deslocar o sustento para a sua família. Sendo atualmente, o único trabalho voltado para essa minoria.

Vale ressaltar que apesar dos desafios que me deparei ao entrevistar alguém tão próxima como minha mãe, a pesquisa que realizei me fez perceber e entender que quando uma mulher sai de sua casa para trabalhar ela não está pensando na sua independência, mas sim nas melhores condições que a sua família pode ter.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, L. X. (2009). (Des)caminhos da migração pendular na metrópole do Rio de Janeiro – uma perspectiva a partir dos eixos de transporte. *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, (64), 23–36. <https://doi.org/10.48213/travessia.i64.509>

CARMO, Maria Andréa Angelotti. Migrações temporárias e as relações de trabalho no campo: O caso da cafeicultura do cerrado. **Anais do XXI Encontro de Geografia Agrária, Uberlândia-MG**, 2012. Disponível em http://www.lagea.ig.ufu.br/xxlenga/anais_enga_2012/eixos/1402_1.pdf.

ESTADOS E CIDADES. Piranga-MG. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg.html>. Acesso em 18 de out. de 2022.

FONTENELE, Tania; ARZABE, Cristina; NOGUEIRA, Julia. Trabalho feminino e maternidade nas lavouras de café: um relato a partir da memória oral de mulheres da agricultura familiar. In.: ARZABE, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés no Brasil**. EMBRAPA, Produção técnica. 2017. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1083999/mulheres-dos-cafes-no-brasil> >. Acesso em 10 de nov. de 2022.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Panorama da cidade de Piranga - Minas Gerais. 2017. Disponível em : <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/panorama>. Acesso em 18 de out. de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PREFEITURA DE PIRANGA – MINAS GERAIS. Site. Disponível em: <https://www.piranga.mg.gov.br>. Acesso em 18 de out. de 2022.

RAMOS, Maria da Conceição Pereira. Migrações e gênero–trabalho, empreendedorismo e discriminações. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 9-Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, p. 23-26, 2010.

SOUZA, Celso Antônio Spaggiari; FREITAS, Rita de Cássia Santos. Gênero, trabalho e migração: lugares de homens e de mulheres na lavoura de café do sul de Minas Gerais. **Revista Uniabeu**, v. 8, n. 18, p. 1-16, 2015.

UNIÃO DOS PRODUTORES DE CAFÉ DAS MATAS DE MINAS. Fazenda Macena Córrego da Onça. Disponível em:

<https://upcafematasdeminas.com.br/produtores/fazenda-macena-e-corrego-da-onca-243>.

Acesso em 27 de agosto de 2022.

Vídeo sobre a cidade de Piranga _ Projeto Encantos de Minas Piranga. Disponível em:

<https://youtu.be/180DejOzX6U>

APÊNDICES

APÊNDICE A - Transcrição da conversa com o encarregado da Fazenda Macena

Data da conversa: 04 e 05 de setembro de 2022

Realizada por mensagem de texto pelo no aplicativo de comunicação WhatsApp

Pesquisadora: Onde está localizada a Fazenda Macena?

Colaborador: *Piranga, comunidade Mata-Onça*

Pesquisadora: Quando iniciou o processo de produção na região?

Colaborador: *No ano de 2000, não sei a data correta mas os padrões vieram de Viçosa trazendo a cafeicultura para a região.*

Pesquisadora: Quais comunidades recebem para a colheita de café?

Colaborador: *As comunidades que nos ajuda na colheita, Carioca, Santo Antônio, Aqueita Sol, Mata-Onça.*

Pesquisadora: Como era o processo de colheita antigamente? E hoje?

Colaborador: *Manualmente. Hoje continuamos manualmente e também trabalhamos semi mecanizados. Vamos trabalhar para mecanizar no futuro próximo.*

Pesquisadora: Atualmente vocês recebem mais homens ou mulheres para a colheita?

Colaborador: *Para a colheita mulheres, registrados anualmente homens.*

Pesquisadora: Quantos hectares são destinados para a produção?

Colaborador: *120 hectares.*